

CASA AZUL

INSTITUIÇÃO DE SAMAMBAIA OFERECE A MENINOS E MENINAS DE RUA ABRIGO E OPÇÕES PARA UMA VIDA MELHOR. META É EVITAR QUE O RISCO DE HOJE SEJA UM DANO PERMANENTE AMANHÃ

Gabriela do Vale

Tirar meninos e meninas dos sinais de trânsito. Fazer com que crianças não sejam dependentes de drogas e nem usadas para o tráfico. Criar possibilidades para que crianças em situação de risco possam ter um futuro melhor. Esses são alguns dos objetivos da Casa Azul de Samambaia, que é dividida em duas unidades e atende 480 crianças e adolescentes de zero a 17 anos. Há 12 anos no local, a casa está dividida em duas: uma é berçário e creche e a outra, para meninos e meninas entre 7 e 17 anos.

Segundo a pedagoga da casa, Cleide Borges, prioritariamente, a casa atende a crianças que vivem em situação de risco e que devem cumprir medidas socioeducativas determinadas pela Vara da Infância e da Juventude. A maioria dos frequentadores da Casa Azul são vítimas de negligência, abandono, abuso sexual e violência. Algumas cometeram pequenas infrações como furtos e roubos. Outras, ainda estão envolvidas com drogas e sofrem espancamentos. "O nosso objetivo é

fazer com que esses pequenos cidadãos retornem à sociedade e à família. Além disso, queremos que a família seja promovida socialmente e a criança possa deixar a casa em outra situação", diz. Quando a criança não consegue se superar as dificuldades, ela é encaminhada para a casa de recuperação.

A casa não lembra uma instituição tradicional: não existe a identificação, há salas com vários ambientes e a frequência é livre. De acordo com a pedagoga, as crianças e adolescentes que vão ao local quase nunca faltam.

Sua sede comporta 280 crianças e adolescentes, de 7 a 17 anos, que participam do projeto "Brincando e Educando", fundado em 1999. Do total de meninos e meninas, seis são portadores de necessidades especiais. Eles têm o mesmo tratamento dos demais. A única diferença é que há uma pedagoga habilitada para essas crianças. "O ideal seria ter uma casa que atendesse apenas essas crianças. Mas, como ainda não é possível, fazemos o que é possível", conta Cleide Borges.

Dr. Samambaia

Fotos: Evandro Matheus



Crianças de 7 a 17 anos, em sua maioria, vítimas da negligência